

MADALENA E GERMANA: MULHERES ANULADAS

Marcos Hidemi de Lima

Introdução

No romance *S. Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, existe uma ótica extremamente misógina por parte do narrador-personagem Paulo Honório, seja em relação à sua esposa (Madalena), seja relacionada à mulher jovem, de ascendência negra (Germana). Nessa narrativa cujos acontecimentos ocorrem entre 1920 e 1930, o ambiente ainda está fortemente marcado pela ordem patriarcal, transformando o narrador num sujeito que não só mantém vivo o velho ditado patriarcal “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar” ([1990?], p. 48), apresentado em *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre, bem como o transforma em prática de avaliação das mulheres que o cercam, dividindo-as em *mulheres esposáveis* e *mulheres comíveis*, de acordo com a terminologia empregada por Affonso Romano de Sant’Anna, em *O canibalismo amoroso*.

Bastante amoldados à lógica patriarcal, esses dois conceitos presentes nas obras de Freyre e Sant’Anna, respectivamente, definem de um lado, mulheres brancas como aquelas que seriam aptas ao matrimônio e para a geração de herdeiros e, de outro lado, mulheres de cor (negras, mulatas, índias, entre outras) como aquelas disponíveis para entregar seu corpo aos desejos de homens brancos, como e quando estes as solicitarem, recebendo em troca o desprezo e a violência.

No romance de Graciliano Ramos, a velha estrutura patriarcal parece continuar intocável e imóvel. À medida que se lê o romance, é possível reconhecer diversas semelhanças com as velhas práticas quanto ao tratamento das mulheres: há Madalena, a *mulher esposável*: moça loira, de olhos azuis, com a qual Paulo Honório se casa, a esperar dela uma mulher resignada dentro do lar, bem como capaz de gerar o almejado herdeiro que o sucederia no comando da fazenda. E há Germana, a *mulher comível*, moça de cor, a quem o narrador chama de “cabritinha sarará”, apresentada apenas como uma mulher que serve para aliviar os seus desejos sexuais. Ambas têm em comum o fato de serem submetidas à anulação e reificação imposta pelo poderoso fazendeiro.

Depois de galgar pelos próprios esforços uma posição socioeconômica invejável, Paulo Honório resolve reforçar sua posição na esfera do poder unindo-se a uma mulher que lhe desse um herdeiro para manter a propriedade tão duramente obtida. Por isso, não parece ser movido pela afeição que ele põe-se a procurar uma mulher apropriada para se casar. Mais parece um homem a selecionar, apoiado em ideias de eugenia, não exatamente uma mulher, mas sim uma fêmea que lhe desse filhos saudáveis. Opta enfim não exatamente pela “criatura alta, sadia, com trinta anos, cabelos pretos” (RAMOS, 2004, p. 67) que idealizara, mas por Madalena, uma mulher de 27 anos, loira, de olhos azuis, sensível e inteligente, saída da escola normal, “Precisamente o contrário da mulher que eu andava imaginando – mas agradava-me, com os diabos. Miudinha, fraquinha” (RAMOS, 2004, p. 77).

Se a mulher idealizada por ele não se tornara realidade, consola-se por ser uma por quem havia se apaixonado, cuja compleição física parecia-lhe indicar que ela seria fácil de ser dominada e de servir ao papel esperado da mulher branca no mundo patriarcal, isto é, apta a viver à sombra do inquestionável coronel, como se fosse mais um pedaço de terra conquistado, como vinha fazendo com as propriedades vizinhas, graças às chicanas de seu advogado João Nogueira.

Embora Madalena não seja exatamente o tipo de mulher que Paulo Honório procurava, o fazendeiro crê que será fácil conduzi-la. Entretanto, ao chegar à fazenda, ela dá mostras de sua independência, afirmando ao marido que pretendia exercer alguma atividade. O convívio entre ambos revela-a totalmente o oposto de que o coronel esperava. Ela representa outro momento mais avançado na forma de conceber o ideal das relações humanas, sem o apego à riqueza como ocorre com Paulo Honório. Pelo contrário, Madalena deseja oferecer aos trabalhadores da fazenda melhores condições de trabalho, o que a coloca imediatamente em confronto com o pensamento do marido, que explorava os funcionários como uma verdadeira ave de rapina capitalista.

De acordo com os conceitos patriarcais de Paulo Honório, a circunstância de ser mulher tornava de imediato Madalena destituída de senso crítico para poder discernir o que deveria ser feito na fazenda e o que não deveria. Contudo, engana-se ele ao acreditar que a esposa seria um mero bibelô, mais uma professora entre “professorinhas de primeiras letras [que] a escola normal fabricava às dúzias” (RAMOS, 2004, p. 136), que rapidamente tornar-se-ia dócil às suas ordens e imposições.

Madalena não se deixa subjugar por Paulo Honório. Aliás, ela o assusta. Normalista, é também uma intelectual, que escreve artigos para os jornais e tem opiniões próprias, contra as quais Paulo Honório irá se opor, já que é impossível para uma mentalidade patriarcal como a do narrador conceber uma mulher com independência de pensamento.

As virtudes intelectuais de Madalena ferem frontalmente o mundo patriarcal em que vive Paulo Honório, porque ela é uma mulher que não dá a atenção devida ao filho, como presume o fazendeiro, além disso, em vez de dedicar-se às lides domésticas, tendência “natural” das mulheres, a isso ela se opõe prontamente, tão logo Paulo Honório lhe sugere ajudar a empregada Maria das Dores na cozinha. Madalena abomina afazeres domésticos e a reclusão ao espaço privado da casa, passa então a exercer atividades que àquela altura ainda eram consideradas de competência masculina, indo para o escritório onde trabalha seu Ribeiro com a contabilidade da fazenda.

Madalena, a motivação de Paulo Honório para compor o romance, é a única mulher que ele não conseguiu dobrar, não conseguiu moldar na forma esperada da mulher branca do mundo patriarcal: submissa, pouco dotada intelectualmente, apta para gerar filhos e silenciosa dona de casa. Opondo-se a essas expectativas, ela provoca em Paulo Honório um ciúme doentio, um ciúme de proprietário, um ciúme de macho ultrajado que tudo quer dominar.

As conseqüências trágicas deste embate entre Madalena e Paulo Honório são bastante conhecidas: culmina no suicídio de Madalena – simbolicamente a vitória da mentalidade patriarcal, em que a voz da mulher é bruscamente silenciada e, ao mesmo tempo, é a queda desse mundo, porque a partir da morte dela tudo que Paulo Honório construiu simplesmente começa a deteriorar.

No seu estilo sumário de contar sua própria história, Paulo Honório familiariza o leitor com Germana, denominada por ele como “cabritinha sarará danadamente assanhada” (RAMOS, 2004, p. 16). Pela ótica do narrador, ela simplesmente é apresentada como uma mulher cuja finalidade vem a ser o atendimento de seus instintos sexuais, atizando-lhe a volúpia. Descrição apressada, com forte ranço misógino, a jovem é apresentada como a *mulher comível*, na acepção metafórica dada por Sant’Anna, que apresenta certo modo de raciocínio formado dentro dos valores da ordem patriarcal que relaciona mulheres de cor a um relacionamento sexual mais facilitado e desprovido de responsabilidades.

O resultado dessa espécie de namoro acaba descambando para uma cena de violência. Sem sólidos laços que a liguem ao jovem Paulo Honório, Germana envolve-se com outro homem. Despeitado por ter sido trocado por outro, o narrador acaba pondo fim ao incipiente relacionamento surrando a mulher e esfaqueando o oponente. Tal ação violenta é qualificada pelo herói como um “ato digno de referência” (RAMOS, 2004, p. 16), levando-o à prisão.

Seu relacionamento com Germana foge ao caráter de um namoro com intenções mais sérias. Há nas expressões do herói uma evidente necessidade de depreciar a mulher em quem ele pretende encontrar provavelmente satisfação sexual apenas, ao empregar termos vulgares como “danadamente assanhada”, “beliscão retorcido na popa da bunda” e “ela ficou-se mijando de gosto” (RAMOS, 2004, p. 16).

Pobre, provavelmente descendente de escravos e mulher, o destino de Germana não seria outro. Quando Paulo Honório sai da prisão, constata friamente que “ela estava na vida, de porta aberta, com doença do mundo” (RAMOS, 2004, p. 17), uma vez que a prostituição era muitas vezes a única opção viável de sobrevivência numa sociedade em que a mulher via-se estigmatizada, ao exorbitar o espaço de reclusão a ela destinado. Raquel Soihet, em “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano”, constata essa difícil vida das mulheres pobres:

A vida familiar destinava-se, especialmente, às mulheres das camadas mais elevadas da sociedade, para as quais se fomentavam a aspiração ao casamento e filhos, cabendo-lhes desempenhar um papel tradicional e restrito. Quanto àquelas dos segmentos mais baixos, mestiças, negras e mesmo brancas, viviam menos protegidas e sujeitas à exploração sexual. Suas relações tendiam a se desenvolver dentro de um outro padrão de moralidade que, relacionado principalmente às dificuldades econômicas e de raça, contrapunha-se ao ideal de castidade (DEL PRIORE, 2011, p. 368).

Por isso Germana, como concebe Paulo Honório, só poderia ser “criatura, não para ser *esposável*, mas para ser *comida*” (SANT’ANNA, [1990?], p. 33), uma vez que esse era o tratamento usual, no caso brasileiro, dado às mestiças e pobres, inviabilizando qualquer possibilidade de ele vislumbrar a constituição de um núcleo familiar com a jovem.

Num ambiente desses, no qual o reconhecimento da dignidade da pessoa dava-se principalmente a partir dos bens materiais, a partir da estrutura mantida entre dominantes e dominados, as oportunidades de existência digna da mulher pobre tornavam-se muito limitadas.

Mentalidade comum na lógica da ordem patriarcal em que “a mulher, qualquer que seja sua camada social, é geralmente conformada com o papel submisso que lhe é imposto, pois o modelo patriarcal de família é também adotado por indivíduos de outros níveis da sociedade: ela é, sempre, propriedade do homem” (1981, p. 44), conforme observação de Heloisa Toller Gomes, em *O poder rural da ficção*. No caso de Germana, a submissão torna-se maior, levando-se em conta que ela pertence aos estratos mais baixos da sociedade, portanto passível de ser usada por Paulo Honório como um objeto sexual.

Considerações finais

Dono de uma ótica preconceituosa e machista, o narrador de *S. Bernardo* promove ao longo de sua narrativa o apagamento, a anulação e a reificação das mulheres que cruzaram seu caminho. Nesse texto, foram analisadas Madalena e Germana, duas entre tantas outras que são esmagadas por esse processo de destruição da figura feminina efetuada pelo *self-made man* sertanejo. Na concepção patriarcal do fazendeiro, as mulheres não se constituem sujeitos de suas próprias histórias, assemelham-se às propriedades que conquistou durante a vida, desfazendo-se delas no momento mais oportuno.

O poderoso fazendeiro que um dia fora trabalhador alugado julga que tudo deva ter um preço. Dessa avaliação não escapam as representantes do sexo feminino, a seu ver meras máquinas de carne às quais competiam, depois de ele ter selecionado a mais apropriada, dar a ele um filho que mais tarde administraria a fazenda (essa é a principal expectativa que Madalena deve atender) ou, como ocorre com Germana, ser apenas a *mulher comível*, mero corpo pronto para satisfazer suas necessidades sexuais, sem que ele tenha que estabelecer um relacionamento que resultasse em matrimônio.

Enfim, o romance retrata um narrador que endossa os velhos conceitos patriarcais como verdade absoluta, sobretudo na tradução que efetua sobre as figuras femininas: elas são retratadas e concebidas ora como sujeitos que se ajustam ao binômio matrimônio/patrimônio, ora como corpos que proporcionam unicamente prazer sexual. Madalena faz parte do primeiro grupo. Germana do último. Embora ocupem posições socioeconômicas diferentes, um traço comum as iguala conforme a ótica de Paulo Honório: o aspecto redutor de seu papel da mulher.

Referências

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Círculo do livro, [1990?].

GOMES, Heloisa Toller. *O poder rural na ficção*. S. Paulo: Ática, 1981.

RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo*. 78. ed. rev. Posfácio de Godofredo de Oliveira Neto. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O canibalismo amoroso: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia*. São Paulo: Círculo do livro, [1990?].

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord. textos). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.